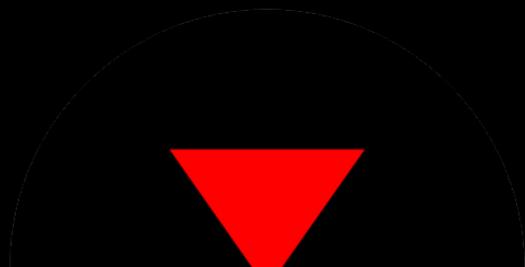
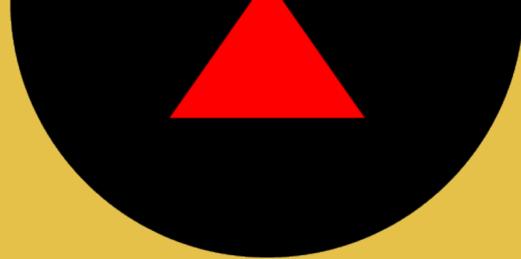


Ministério da Cultura e Nubank apresentam o musical

DA OBRA DE **JOÃO UBALDO RIBEIRO**

VIVA O
POVO
BRASILEIRO
◆ DE NAÊ À DAFÉ ◆

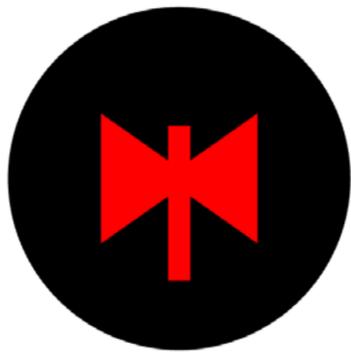




**Ela soube que
havia uma
fraternidade.
Uma espécie de
irmandade que por
maior que fosse
a opressão e por
mais que matassem
as vozes do povo,
sempre persistiria,
havendo sempre
um desses irmãos
em toda parte a
que se vá.**

João Ubaldo Ribeiro





Era julho de 2011 quando, pela primeira vez, pensei:

“E se eu fizesse um espetáculo teatral a partir da obra Viva o povo brasileiro. Loucura, deixa para lá”. Não deixei. Hoje, graças ao trabalho de excelência realizado pela Sarau Cultura Brasileira e uma equipe maravilhosa, mais de 10 anos depois, após idas e vindas da motivação, uma investigação de doutorado, a partida de João Ubaldo Ribeiro, uma década bem estranha na política brasileira, chegou a hora de abrir a cortina. Tenho a impressão de que estamos estreando na época certa. Precisamos olhar para nós para que não tenhamos qualquer dúvida de quem somos. Precisamos falar sobre a formação da identidade do povo brasileiro. O romance de João Ubaldo faz essa provocação ao desconstruir e ironizar os heróis consagrados pela história oficial e dar protagonismo às diferentes

culturas que formam a nossa brasilidade, em especial, à afrodiaspórica. É nesse contexto que conhecemos Naê e Dafé, mãe e filha, mulheres corajosas que definem as balizas narrativas do nosso primeiro ciclo dramático. Diante do extenso arco histórico que Ubaldo percorre, Viva o povo brasileiro merece uma trilogia. Quem sabe? Por enquanto, mergulhamos em Itaparica, nos conflitos da independência, nas questões da ancestralidade, na transmissão de saberes, na luta dos escravizados e na busca por uma sociedade mais justa.

Sobre o espetáculo, buscamos uma comunicação direta com o público, uma teatralidade épica que criasse um intenso jogo cênico de forma aberta e o mais revelado possível. Não há ilusões e identificações absolutas. No palco, atrizes e atores, transitam entre as várias funções dramáticas e cênicas. Serão, além de intérpretes que vivem e narram a história, músicos e construtores da própria situação dramática. Esta opção cênica confere ao espetáculo, em parte, um tom carnavalesco. A cena se desloca pelas curvas do fantástico e do real, assim como é proposto no romance, com a transparência necessária para dar conta da vigorosa narrativa. Os episódios se sucedem num ritmo acelerado e geram uma atmosfera de improviso. O

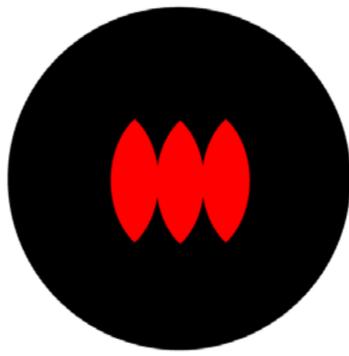
objetivo é proporcionar uma percepção abrangente, circular, em sintonia com o efeito literário. Não se pretende contar apenas um fato importante da vida de uma personagem, nem mesmo o percurso entre o seu nascimento e a sua morte, mas sim as diferentes camadas narrativas que impactam na formação da nossa identidade. Este desafio requer uma concepção que acolha a liberdade das significações no jogo teatral. Encenar o romance Viva o povo brasileiro foi uma experiência única e desafiante, proporcional ao rico e complexo material relatado nas centenas de páginas escritas por João Ubaldo, que, certamente, foi um dos autores mais atento às raízes culturais do nosso povo. Para finalizar, quero agradecer aos artistas que participaram comigo dessa feliz loucura. Este espetáculo só pôde ser realizado graças ao empenho de uma equipe comprometida e talentosa. Muito obrigado!

A portrait of André Paes Leme, a middle-aged man with grey hair, smiling and wearing a green patterned shirt. The background is black.

**André
Paes
Leme**

Diretor

A decorative pattern in the bottom right corner consisting of a purple and white geometric lattice or mesh design.



A Sarau fechou um ciclo de 30 anos

apresentando dois grandes espetáculos sobre o Brasil. O primeiro, “Museu Nacional - Todas as vozes do fogo”, de Vinicius Calderoni, com a Barca dos Corações Partidos. Com texto e músicas totalmente originais.

Agora, apresentamos o segundo, “Viva o povo brasileiro”, que teve gestação longa, mas que começou a tomar forma quando André Paes Leme me disse: tenho uma ideia que é a tua cara. E ele sabia a dimensão disso. A história dessa produção não é senão a história de uma amizade de mais de 30 anos, como são construídas as relações no nosso ofício teatral. Eu e André estamos em nossa 17ª peça juntos, possivelmente uma quinzena delas com o Renato Machado iluminando.

Eu passei todos esses anos trabalhando para dar espaço às narrativas brasileiras nas pautas, nos palcos, nas vozes, nos patrocínios. Para elevar a qualidade das produções dos musicais com arranjos e DNA brasileiros de fato. E João Ubaldo Ribeiro, nessa obra, fala ao nosso coração tudo o que podemos acreditar ser uma alma brasileira. Precisamos falar sobre nós. Inclusive ter a chance de levar as nossas narrativas para fora do país, tal e qual os europeus e os americanos vêm fazendo com o Brasil desde a colonização.

Eu só quero agradecer muito por essa oportunidade, que os deuses do teatro nos acompanhem, que esse elenco maravilhoso seja abençoado a cada dia, pois eles são trabalhadores dignos de muitos aplausos. Não posso deixar de destacar dois amigos especiais, que são Maurício Tizumba e Jackson Costa, o primeiro mineiro e o segundo baiano, artistas de muita relevância que toparam viver essa aventura teatral. Chico César é um amigo parceiro, nossa terceira produção, temos poesias musicadas tão belas e assertivas, com a direção musical e arranjos de João Millet Meirelles, que um álbum duplo seria justo. Leila Maria Moreno, essa é a primeira criação com a sua presença como sócia da Sarau. Axé!

Sim, voltamos a sonhar e contamos com uma equipe enorme da Sarau e com um Ministério da Cultura forte e presente. Nossa peça não existiria sem a Lei de incentivo à cultura e o patrocínio sensível do Nubank.

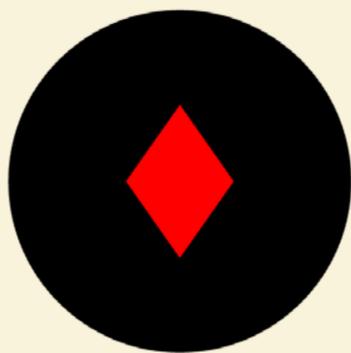
**“Uma alma não aprende nada
Mas sonha desvairadamente”.
Sonhemos!**



Andrea Alves

*Diretora de produção
e produtora artística*





Depois de coordenar vários projetos

por mais de 1 década na Sarau Cultura Brasileira, retorno exatamente no momento em que, finalmente, conseguimos levar aos palcos esse projeto grandioso! Sonhado por anos, é sonho sonhado junto.

Viva o Povo Brasileiro, é gigante pela própria natureza. A História, não é só essa que está nos livros. É preciso falar do que não aprendemos na escola. Povos originários já estavam aqui. Povos foram sequestrados de suas terras, de suas vidas, e trazidos pra cá. A formação do povo brasileiro é complexa e controversa.

Era urgente falar sobre isso, falar sobre nós. Era um nó na garganta. Mas sempre há um tempo dentro do tempo. E o tempo, é agora.

O sonho do André Paes Leme – que é diretor dos sonhos de qualquer pessoa, virou sonho da Sarau, que virou sonho de

um coletivo de atores e músicos, que virou sonho de uma equipe de criação e que virou sonho de uma equipe técnica. Aí, a equipe da Sarau que bota no colo todos os sonhos que sonhamos juntos, transforma agora esse sonho em realidade.

Somos mais de 70 pessoas envolvidas diretamente no projeto.

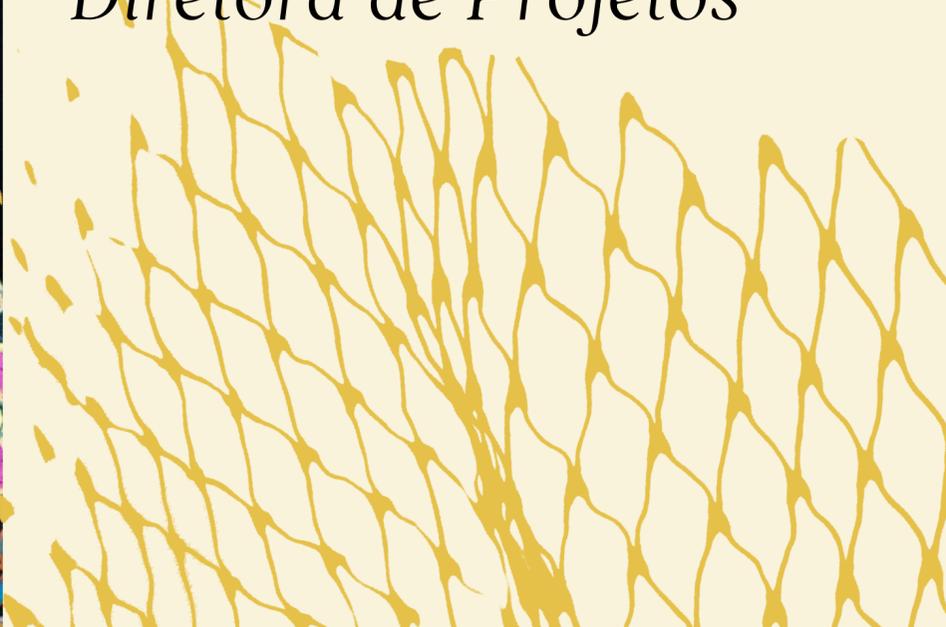
Um projeto que fala da gente, da nossa formação, da nossa história, da nossa cultura, da nossa identidade. E que tem muita, muita gente talentosa envolvida!

Que a alegria e força desse encontro, ecoe nas retinas e corações de cada espectador. Que a plateia se reconheça e se fortaleça. Que o povo brasileiro seja potência dentro e fora do palco. Que esse coletivo voe alto e sempre. É a hora.



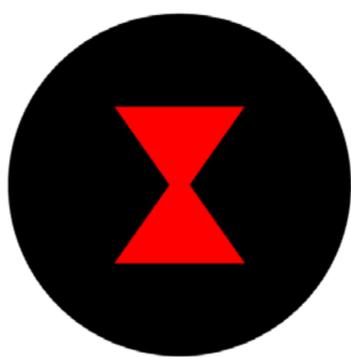
**Leila
Maria
Moreno**

Diretora de Projetos





**Maurício
Tizumba**



Cantar a alma do povo brasileiro

em parceria com João Ubaldo Ribeiro e este coletivo contemporâneo e mestiço de homens e mulheres negras, de afros e ameríndios descendentes. Caboclinhos sobreviventes da pandemia e do pandemônio que sobre nós recentemente se abateram. Que desafio! E que imenso prazer. Um quase orgulho besta e narcísico de mergulhar no riacho amniótico em que me sinto gestado, como artista e cidadão. Sim, ao ler lá atrás, há duas décadas pelo menos, eu me entendi por gente com alma. Parte de algo maior. Não a alma universal ou cristã que o catecismo me indicara mas uma almazinha brasileira que precisava ser percebida, intuída, cultivada, cultuada. Tudo que um artista oriundo dos cafundós do Brasil precisa: a confirmação de que algo coletivo e não eurocentrado nos anima. Mesmo impreciso como fogo-fátuo,

mesmo fugidio e tantas vezes intangível. Frágil pano de nossa jangada existencial soprado pelos ventos de nosso ser subjetivo profundo. O que nos move antes dos músculos e nervos, mas também formado por tanta perversidade a eles infligidos por escravização e tortura. Por ônibus cheios e barrigas vazias. Paus-de-Arara. O que nos move é o fraterno fogo das ideias a unir a gente brasileira em passeatas, procissões, cortejos, trupés, rodas de conversa e fogueiras, blocos de carnaval, transes e transas, lances, dança, música. Fé, protesto e carnaval.

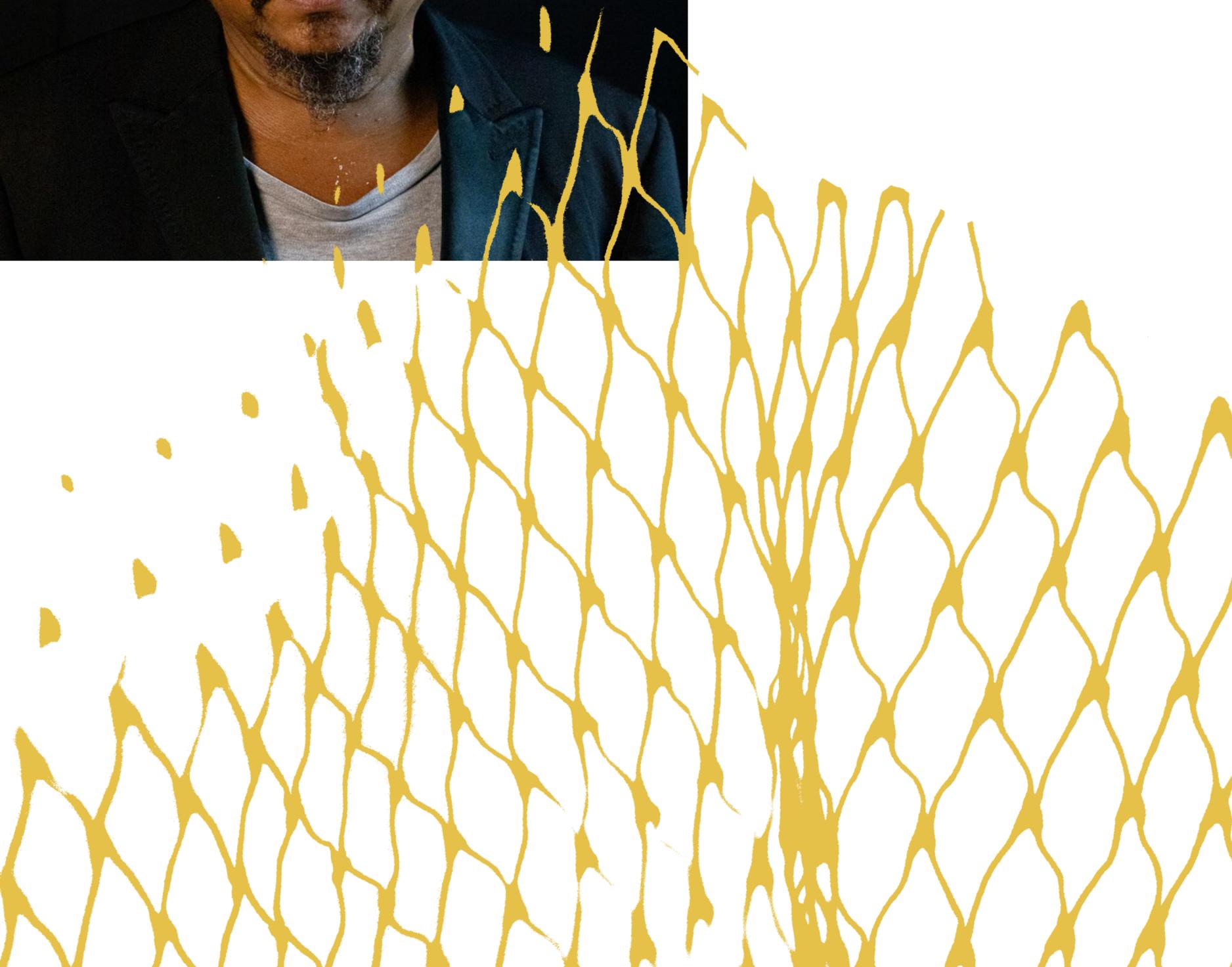
Eu não fiz sozinho essas músicas. Elas se fizeram comigo. Pularam do texto ubaldino. Cantaram e dançaram pra mim. Em minha frente, em minha mente. Misturadas a coisas que eu tinha e ainda não sabia. Mas também à minha compreensão intuitiva da música que vem de África e, a partir da Ilha de Itaparica, da Bahia e do Nordeste, se mistura às sonoridades dos povos originários também oprimidos pela pauta ocidental do negócio religioso europeu. É música de protesto. E de redenção. De súplica, pois nos supliciaram. E de carnaval, pois a carne que dizer dançando. E a alma se agita em filosofia de rua aos agarradios e passos de capoeira. Quase quedas que se transfiguram em voos.

Insurrectos e ressurrectos cá estamos. Não aceitamos a vida de merda que nos ofereceram como farelos da república nem a morte simbólica (e física!) que nos quiseram impingir. Dá fé em Dafé quem quiser. Marielle vive. As indígenas, as pretas, as trans, os corpos dissonantes, as almas dissidentes. A iluminar o oprimido e a queimar o opressor para arrancar da tirania os dentes. Fogo!



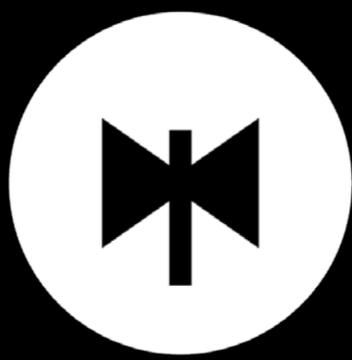
Chico César

Músicas originais



**Sara
Hana**





Celebrar o povo brasileiro, mergulhando

nas contradições, belezas e atrocidades que moldaram nossa história. Esse é o imenso desafio que enfrentamos ao adaptar essa obra tão icônica, carregada de inúmeras camadas. Nossas histórias, das diferentes culturas brasileiras, se entrelaçam aqui. Essas foram as ideias que nos inspiraram quando iniciamos esse desafio (uma palavra que se tornou tão presente em nosso cotidiano de produção).

Penso no papel da direção como aquele que guia os caminhos e conduz os percursos. Ao lado do elenco, construímos esse espetáculo a partir das potências individuais de cada membro e de cada elemento cênico. Assim fui dirigido por André e, dessa forma, conduzi a parte musical. Sem todas essas pessoas essa obra nada seria. Aline Falcão, assistente de

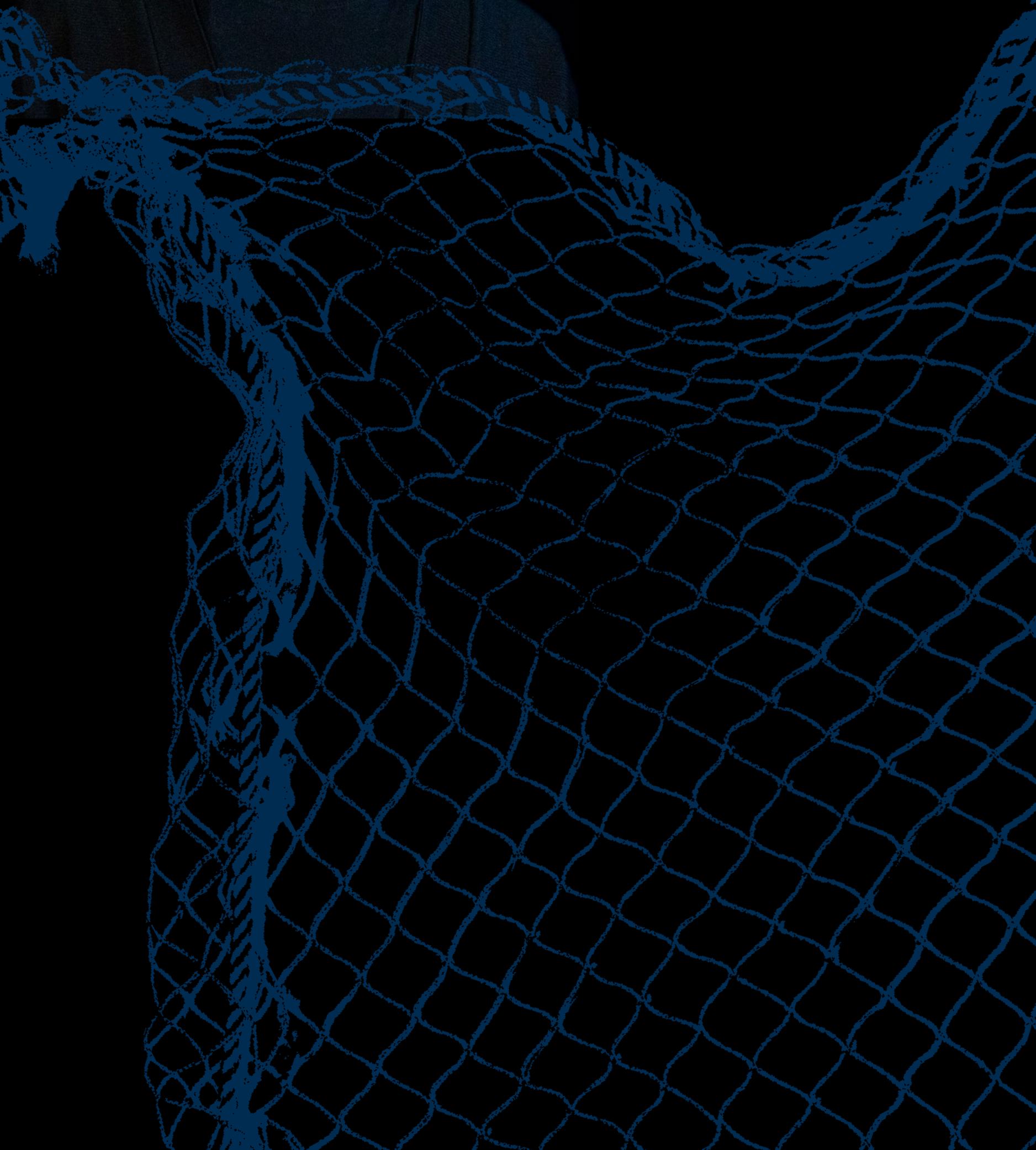
direção, foi meu braço direito, alguém em quem confio cada detalhe, opinião e direção. Giuliano Eriston, a quem tive a imensa honra de conhecer durante esse processo, também foi um assistente fundamental, contribuindo com sua musicalidade dentro da banda. Guilherme Borges, apesar de fazer parte do elenco, assumiu brilhantemente a responsabilidade de cuidar dos arranjos vocais conosco. Verónica Fernandes e Luan Costa, que integram a banda, deram corpo e vida à música, trazendo suas vivências e influências musicais. Ao elenco, uma força musical gigantesca.

Ao pensar na narrativa sonora que conta essa história, dançando com as outras linguagens, percebi que era necessário abranger a diversidade musical que nós brasileiros produzimos. Partindo da visão de um baiano, unindo-se a tantos outros lugares, esses diferentes sotaques e culturas estavam presentes no elenco precioso, na banda, na instrumentação e nas canções.. E que canções! Chico César compôs mais de 30 músicas, cada uma delas repleta de beleza e perspicácia. Ele traduziu o texto em palavras cantadas, apontando, de maneira magistral, diversos caminhos musicais que se materializaram em samba-reggae, xote, ilu, funk carioca, ijexá, rock, afrobeats, samba-canção, louva-deus, baião.. assim

construímos uma verdadeira celebração da
nossa rica música brasileira e das raízes do
nosso povo.

João Milet Meirelles

*Direção musical e
trilha original*



**Luciane
Dom**



**Júlia
Tizumba**

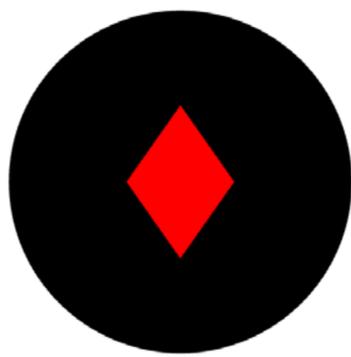




Ju
Colombo

Guilherme Borges





Músicas

(Chico César/João Ubaldo Ribeiro)

1. Controverso (Poleiro das almas)

É controverso

O comportamento das almas

É controverso

Sem quê nem pra quê desencarnadas

Sobretudo quando muito jovens

No poleiro ali empoleiradas

Nada e mais nada e mais nada

Numa incomposição danada

Nada e mais nada e mais nada

Onde nada aprende enquanto alma

Feito flecha e facho na mata fechada

Procurando vida para animar

Seja a barriga de uma índia prenha

Um ovo de ave ou um pé de pinha

Uma cabra ou cobra, um macaco-prego

Um morcego cego ou uma galinha

Uma árvore boa de dar fruto ou lenha

Um pé de algodão desses que dão linha

Uma alma vem sem dizer que vinha

É a vida que diz "ô alminha, venha"

É é é...

2. Capiroba

Eu não gosto de padre

Não preciso de pastor



Quem quiser que coma pasto
Para mim basta, já deu
Minha alma dá pro gasto
Deixo pro gado o engodo
É quando cai o céu todo
Que minh'alma levantou
Ô ô ô Capiroba sou eu
Ô ô ô Capiroba saiu
Ô ô ô Capiroba chegou
Ô ô ô Capiroba sou eu

3. Palestrando com a maré

Palestrando com a maré, ô ô ô ô
Preto aprendeu sozinho, ô ô ô ô
No mar a fazer caminho, ô ô ô ô
A andar no barco em pé, ô ô ô ô
A tirar onda com a onda
Palestrando com a maré
Com quantos cipós se faz uma rede ou um manzuá
Todo tipo de mordida que os peixes sabem dar
Toda marcação da água, toda viração de vento
O eterno e o momento, a ausência e o lugar
Naê, Naê: tudo isso o pai ensina
Naê, Naê: pai só não ensina, menina,
o que esperar da vida
Naê, Naê: coisa linda mais querida
Viver é esperancear
Naê, Naê: entre a beleza e a maldade
Nativo da liberdade
Cativo puxando as linhas
Naê, Naê: só sei é ter paciência
Nesse mundo sem clemência
E todo pedaço de orgulho que possa catar
Naê, Naê



**Izak
Dahora**

4. Tempo dentro do tempo

Sempre há um tempo dentro do tempo
Por isso pai e filha
No continente ou na ilha
felizes hão de viver
De mãos dadas na beira do mar
A filha ouvindo o pai
Gostando dele falar
Maldizendo quem dele diga mal
Amolecendo a comida mode ele banguela comer
Lhe apoiando a caminhar
Sendo seus olhos quando sua vista não mais avistar
Prestando atenção no pai
Quando atenção nele ninguém mais prestar
Sempre há um tempo dentro do tempo

5. Gangana

Muita gente vai ganhar furria, gangana véia
Muita gente vai afurriá?
Furria só se for que nem a minha
Uma ladainha furriada de promessa, ora essa
Quando as pernas não andavam mesmo sem pressa,
ora essa
Cês nem começa com essa conversinha
Furria qual o quê não me aporrinha
Mais fácil o peixe com nossa senhora falar
Do que as pragas de sinhozinho e sinhazinha
Os pretos bestas deles furriá
O leite do meu peito dei, que jeito
do bisavô ao bisneto dei de mamar
E agora é medo tudo o que ele me oferece
Pois é só medo o que ele tem pra dar
Boa furria ora essa
Furria de quatro patacas
Debaixo da paia véia
Furria de arataca

6. Baleneiro

Meu pai era baleneiro
Ele tinha os olhos craros
Meu irmão mais véio-véio morreu
De noite no trabalho
Do óleo da baleia no trabalho
O tacho derramou nele, eu acho
Morreu queimado de óleo, diacho
Meu irmão morreu ligeiro, eu acho
E fechou seus olhos craros, lindo riacho
Do óleo da baleia no trabalho
Negros do óleo da baleia quase todos
Tinham a pele em carne viva
E muitos ficavam cegos
Do azeite que pingava em suas vistas
O que é, o que é, o que é
Como até hoje mais ou menos inda é

7. Alminha

Uma alma não aprende nada
Mas sonha desvairadamente
Uma alma de si mesmo admirada
A si sonhando brasileira
para todo o sempre
Perdida de paixão e adiada
De ser a alma de toda a gente
Almazinha brasileira apaixonada
A animar os patriotas eloquentes
Ó alma minha, alma nossa, exaltada
A exaltar novos heróis, os mais valentes
Pois ser alferes num país banguela
É arrancar da tirania os dentes
E agora almas nunca dantes encarnadas
Habitando-se aos nossos corpos quentes
A guerrear contra a elite desalmada
No chão da nação ensanguentada
No céu das andorinhas revoadas



No chão, irmão, irmã assassinada
Se soma a nossa natureza exuberada
Pois os plantamos como semente

8. O Barão de Pirapuama

Tudo isto prova
Que vale a pena viver
Agora eu sou o Barão de Pirapuama
É assim que me chama
Quem me conhece ou quer conhecer
Pirapuama quer dizer baleia
Na língua da bruguesia
Quando aqui havia índio
Era assim que índio dizia
Mas índio agora tem poucos perdidos nos cafundós
Ou loucos a esmolar de nós um vintém para beber
E se não damos eles furtam as frutas de nossas roças
E saem pela estrada
A exhibir suas feias chagas
Que a natureza lhes deu
Na falta do que fazer
E assim vagam as sub-raças
que sem a graça de Deus
Vivem e morrem na desgraça
se não damos penitência e salvação
Tá assim de preto cristão
que deve essa caridade
À gente heróica da sociedade
que fez a revolução
contra o ódio, a tirania e a incompreensão
E tem agora a paz na mão
De quem comandou a guerra sem encostar num canhão
(Ó, responsabilidade!!!)
Pro povo nada de novo
Pois tiramos seus grilhões
Dos estrangeiros tiranos
E aqui ficam os milhões
No bolso dos brasileiros



Ricos de boas intenções
Tudo isto prova
Que vale a pena viver

9. Leléu

Quem é aquele que lá vem lá, que lá vem lá
É o nego Leléu
Quem é aquele que lá vem lá, que lá vem lá
Ora se não é Leléu
Serelépido e fagueiro
Envergando a fatiota
Leléu vem assim ao léu
Vestido feito um janota
Feito um anjo que caiu do céu
Reparando nem se nota
Que não é outro, é o nego Leléu
Lá de onde o Judas perdeu as botas
Herege que só o cão
Que vem fazer em festa de santo?
Desabando do seu canto
Fazendo poeira no chão
E assim bem posto e tão belo
Com os sapatos na mão
Que mandou vir da Bahia
Leléu não é fraco não
Parece um negreiro rico, ou de Celta um Sultão
Ou um rei embaixador
Mas é só Leléu, meu irmão

10. É trabalho

Quem quiser que acredite em santo
Meu santo mesmo é trabalho
É trabalho e mais trabalho
É trabalho e mais trabalho
Agradecer o feito e o não feito
Pelo dado e o não dado
Cultivar as amizades



Mesmo de um branco safado
Ganhar carta de alforria
E não ser alforriado
Pôr pra trabalhar pra si
Outro preto libertado
Plantar verdura graúda
Pôr barraca no mercado
Emprestar dinheiro a prêmio
Ter patações enterrados
Aprender a costurar
E entender do costurado
Pois que a vida é uma tesoura
E eu não quero ser cortado
Aprender a ler, contar
Ter o beabá decorado
Dormir com a professora
Quando ela morrer, luto fechado
Ter umas pretas em casa
Pra doce, costura e bordado
Comprar barco, açambarcar
Pra não ser açambarcado

11. Namoro das baleias

Baleia faz um balé, eia!
Quando quer namorar, fazer pareia
E aqui vem passear
Se amar no mar
Cair na teia
Baleia canta e assovia
Surfando nas ondas
Surtando de amor
Também se lamenta e chora
Gemendo demora, ô ô ô ô
Na flor d'água uma baleia
Na flor d'água duas
A dançar chega incandeia
Na baía nua
Irrompem das águas voam



Formando uma lagoa tão boa no céu
Seus corpos refletindo lindo
Tanto amor infindo no brilho do sol
E aí somem no profundo
Que há um no outro e no fundo do mar
Seus vermelhos, roxos, brancos
Violetas latejantes, toda cor que há
É aí que o mar dá a gota
Dá a gota, dá a gota ah!!!

12. Sonhei assim

Sonhei assim
Que eu e meu amor
Éramos peixes pelo mar sem fim
Livres livres livres
Na terra também
Dois peixes gigantes
De amor e além
Eu o peixe dela
E ele o peixe de mim
Ambos peixes vivos
Peixes muito a fim
Peixes namorados
Elétricos até de chocar
Peixes um do outro
Pra se libertar

13. Violentada

Já não posso ouvir nada
Som algum:
Bicho, folhas, vento
Gente, nada
Só posso mexer os olhos
E mal e mal
De dentro ver a porta
Escancarada
Tudo tão indiferente



A náusea dentro da gente
Escorrendo ainda quente
A vida violentada
Em mim o peso dele
Será um pesadelo
Que tive acordada?
Minha vida não é dele
Nem sua
É só minha vida suada
Choro por muitos motivos e razões
Choro pois são tantas invasões
Isso que me rasga a carne e as emoções
A carne da mulher preta
Em pranto desamparada
Vergonha do dano e pena
Raiva de sentir vergonha
Se eu mesma não fiz nada
Vergonha de sentir culpa
Se de nada sou culpada
Culpa de sentir vergonha
Da vida violentada

14. Festa

Não eram esses mesmos negros
No terreiro da capela
E agora espalhados na capoeira
Levantando poeira, isso sim
Eram mandingueiros, isso sim
Feiticeiros da noite, isso sim
Com os olhos de foice, isso sim
Alma pronta pro coice, isso sim
Versados nos deuses trazidos d'África
Gana, Daomé, Benin
Os deuses trazidos dend'eles desde África
Mesmo em condição tão ruim
Eles den'dos deuses desd'África
Pra fé chegar até aqui
Negros com seus ilus e amelês



Belos com seus aguês e adjás
Pretos com sua flauta afofié
Batendo batacotô, rompendo com rum pi lé
Sem duvidar de nada
Acreditando em quase tudo
Quem tava mudo falou
Capoeira sagrada, batuque de entrudo
É aqui que a nação preta conjurou

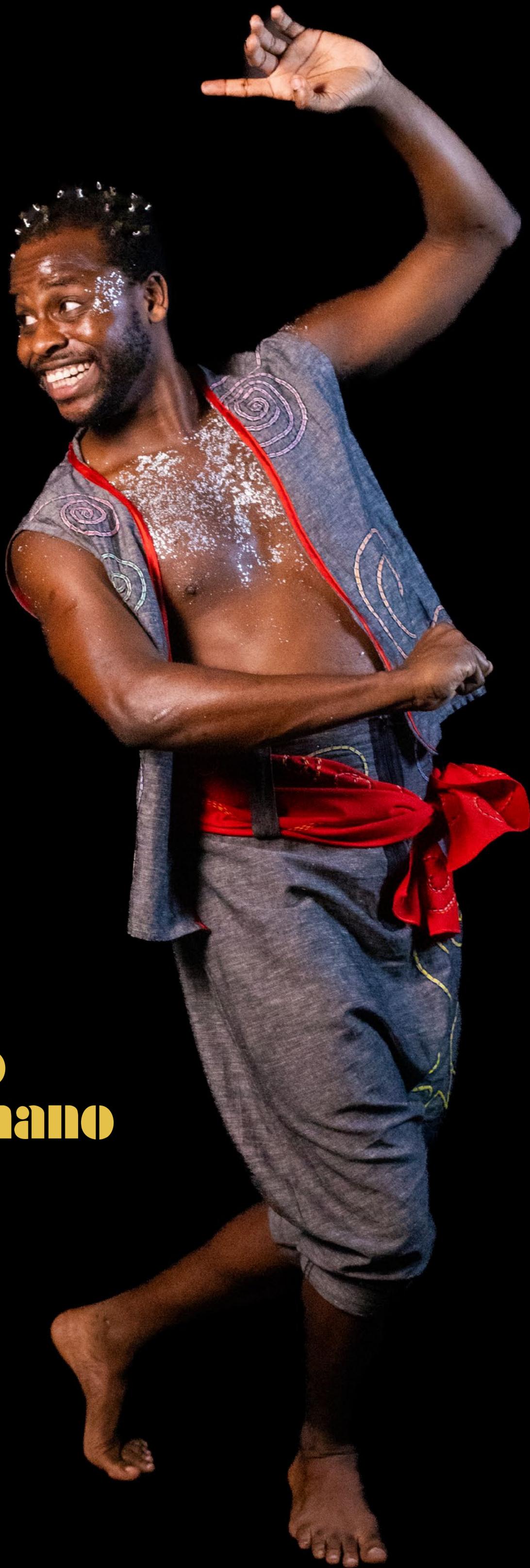
15. Sem querer

Sem querer eu penso nela
Como me acheguei
E ela se achegou a mim
Levantando as ventas
Franzindo o nariz
Uma fungada leve
Jogando um cheiro de longe
Sem querer eu me perco e me deixo
Pensando em seus ombros
Seu ninho, seu queixo
Seu jeito de rir
É, seu jeito de rir
Sem querer eu quero o abraço
E os pelos do braço, o regaço, o abrigo
Os passos que eu sigo
Até sem querer

16. Nega venenosa

Eu sou a nega venenosa
Que envenena sem pena o barão
Eu sou a nega amorosa
Que não nega amor ao seu negão
Atração mesmo
Coisa de tesão
A que sabe rir
Em qualquer situação





**Hugo
Germano**

Eu vou mostrar um segredo
Que eu venho guardando só
Mas não devo mais ter só
E não mais guardar sozinha
Quem sabia dele morreu
Só fiquei eu, só fiquei eu, só fiquei eu
Só fiquei eu, só fiquei eu
Agora chegou a hora
Do segredo dividir
Um segredo só pra si
Pode se sumir no ar
Mas não é só pra vocês ver
É pra ver e crer, pra crer e fazer, pra fazer mais eu
Pra fazer mais eu, pra fazer mais eu
Esses segredos são parte
De um saber muito maior
Mas bonito e melhor
É que nunca se completa
Cada um de nós dá um nó
E esse saber de neto e avô é que vai vencer
É que vai vencer, é que vai vencer
Quem sabe esse segredo cresce
Mais alto que a casa onde mora
Sabido como a raiz da planta
Imenso como a paisagem
Dentro e fora, dentro e fora
Quem vive esse segredo é livre
Sua alma nunca prisioneira
Um peixe vai no céu sem fim
Uma ave que se oceana
Libertária, verdadeira

18. A morte do Barão

Morreu morreu
Morreu Barão morreu
Morreu morreu
Antes ele do que eu
Grande homem pátrio - larápio



Homem de negócios - beócio
Patriota honrado - tarado
Vulto nacional - meu pau
Belo patriota - idiota
A honra patrícia - milícia
A própria justiça - carniça
O pai da nação - um ladrão
Um abnegado - safado
Pessoa de luta - fajuta
Exemplo pros novos - meus ovos
Gente tão querida - genocida
Mãe de todos nós - um algoz
Um anjo pra gente - indecente
Foi pai e avô - estuprador
Nosso céu azul - meu cu
Um esteio de luz - nossa cruz
Não há quem não o estime - no crime
Um governador - do terror
Seu brilho se espalha - canalha
Um viva ao defunto - presunto
De alma beata - pirata
Um viva ao Brasil - servil
Foi livro e caderno - ao inferno
Sempre elegante - traficante
Tenência divina - sovina
À pátria serviu - um ser vil
Que homem querido - bandido
Um grande estadista - alpinista
Que a vida nos deu - um sandeu
Oh! Estrela minha - rachadinha
Oh! Estrela pura - ditadura
Oh! Que triste boda - que se foda
Morreu o Barão - o mais cão
Saudade nos herda - um merda
Canoa e porto - tá morto
Morreu morreu
Morreu Barão morreu
Morreu morreu
Antes ele do que eu



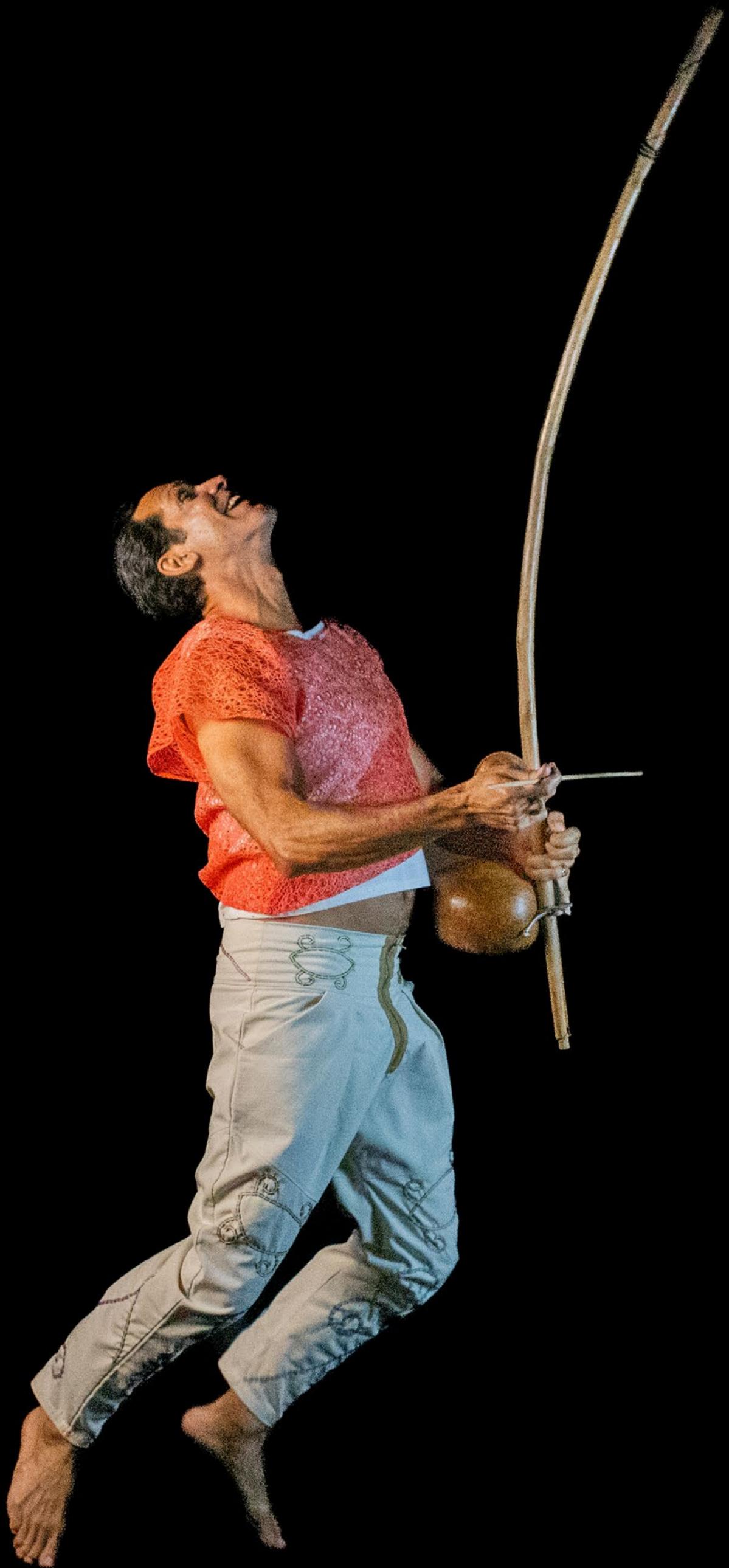
19. Amor de Leléu por Dafé

Quer saber agora vou vou vou
Comprar um sítio em Baiacu
Quem quiser por mim dar fé
Lá vou viver com Vevé
Mais a menina Dafé
Que até me chama de vô, vô, vô
Nego Leléu tá lelé é é
Diz todo povo da ilha
Quer levar sua família, é
Pra longe da vida louca
Quer dar comida na boca
De Dafé, sua netinha
Pra ele uma passarinha
Que a mãe não sabe criar
Leléu só falta endoidar
Se algo falta pra menina
Achando que sua sina
É dar fé dela e cuidar
Nego Leléu quer Dafé, é é
Bem cheirosa e arrumada
Mas Vevé "veve" ocupada
Pescando a conspiração
Juntando irmão com irmão
Tudo preto revoltado
Os pretos organizados
Contra a escravização
Leléu agora só quer
De Maria da Fé dar fé
Longe de tanta arruação
Vou, vou,
Vô, vô, vô, vovô!

20. Amleto

Amleto não gosta de ser preto





**Jackson
Costa**

Amleto odeia ser mulato
Como quando não tinha um cobre
Não gostava de ser pobre
No jardim onde o sol não bate
Pra não bronzear a tez
Põe babosa no cabelo
Tantos sacrifícios fez
Surrupiou o Barão
A quem bajulou em vida
E a Baronesa querida
Não deixa em precisão
Ladrão que rouba ladrão
Não ladra nem fica branco
O money guarda no banco
Good morning, Amleto negão
Comprou terras no sertão
Vão tão bem os seus negócios
Laranja mas diz que é sócio
De francês, inglês e alemão
Leva fumo, coco, madeira
Para as novas construções calcário
Mas inda é preto, que maneira
Pra batizar seu sétimo filho:
Patrício Macário Nobre dos Reis Ferreira-Dutton

21. Eu quero a vida

Me dê comando de um barco de pesca
Como Mãe Vevé, que manda e comanda na
Presepeira
Não quero essa leseira de bordar
Rendar, costurar, lavar, engomar
De ser prendada prisioneira
Eu quero é a vida! Ah
Ah, ah, ah
Talvez sair pelo mundo
Ir a fundo, aventureira
Ter trabalho, me casar
Ser amada e companheira

Quem sabe ser professora
Que ousa na lousa ler a vida inteira

22. A Pescaria

Minha menina, que alegria
Amanheci dando bom dia ao sol
Venha comigo pois vai ter pescaria
Que coisa mais linda a lancha cambando
A madeira gemendo, a proa voando
tesourando as ondinhas
Um cardume de agulhões dançando a sotavento
A Presepeira rangeu, rangeu, rangeu
Mar lindo, eu não aguento
Nessa vazante, bebê, tem de arriar a poita
Umas trinta braças na frente do ponto
É aí que pinta o lugar, o canto
De deixar cair a corda
E peixar, e peixar
Tô indo, tu fala - aê aê
Réia a peita de proa - aê aê
Solta ela a prumo - aê aê
Segura ela um tanto - aê aê
Quantas braças a pique - aê aê
Vamos jogar linha aqui
Rentão, olho-de-boi, vermelho
Cabeçudo, pescada, tudo
Tudo pedra aí embaixo
Mano véi, olha a leseira
Corte as lulinhas, Dorico
Água doce aí embaixo
Tem xumbrega beliscando
Quando em vez de vez em quando
Cortando a água na flor
Quede a lulinha, menino
É tanta sabedoria
E tanta ciência nua
Tanta beleza se via
Em gente que pesca o peixe



Planta e colhe a verdura
Gente gente de verdade
Gente que o pano fia
ô ô ô, ô ô, ô ô ô
Gente que o mano confia
Que trabalha na madeira
Gente que com a planta cura
Gente de tanta maneira
ô ô ô, ô ô, ô ô ô

De tanta espécie e saber
Que é sortido e se cria
Cada coisinha um mundão
Basta dar fé e atenção
A cada irmã e cada irmão
A cada coisinha um dia
ô ô ô, ô ô, ô ô ô
Ai ai ai coisinha boa
Ai ai ai coisinha à toa

23. Outra vez não

Não! Outra vez, não.
Não! Dessa vez, não.
Não! Outra vez, não.
Não! Para sempre, não.
Não quero seu vinho
Não sou sua flor
Sai do meu caminho
Por favor
Não quero carinho
Quero não senhor
Melhor ir sozinho
Não lhe tenho amor
Mas temor eu não tenho
Nem com tanto horror
Vir de onde eu venho
Ir pra onde vou
É morrer lutando



Quem de viver lutou
Pra cair sangrando
E assim se consagrou
Mais de vinte punhaladas
Que o branco deixou
A história ensanguentada
Que o sangue de nossa gente contou

24. Vida doida

Essa vida é doida doida doida
Como é possível a gente chorar
E se ver chorar?
Eu não sabia que isso acontecia
Mas que tá acontecendo tá
O rosto contorce, o peito soluça
A garganta dói de tanto gemer
As lágrimas caem com a força da chuva
Depois de um céu bonito pra chover
Tenho de parar com isso
Pois não sou mais menino pequeno
Um chororô que parece feitiço
É fel amargo e terrível veneno
Quem me dera agora
Um pai, uma mãe, um amigo do peito
Me sinto tão só, me sinto sem jeito
Mas não posso me entregar
Sou como a baleia
Que mesmo ferida na pesca fatal
Enfrenta o perigo e encara o mal
Arrastando tudo com ela pro mar

25. Mudando a dor em luta

E assim saiu do dendezal
Com um riso destamanho





**Alexandre
Dantas**

Rodando de lá pra cá
Remoçado vinte anos
Com o cão mesmo, com a macaca
Com a cachorra, com a zorra
Com a coragem de um homem
Que não pede penico
A nenhum sacana da porra
Nele um bom e outro ruim
Vinham dois homens num só
Uma mão para agradar
Outra mão para agredir
Um lado da cara rindo
O outro fazendo pantim
Num lado do coração só amor
E o outro rubro de ódio carmesim
O peito estufado
E a cabeça solta no pescoço
Cuspindo fogo

26. Hora de partir

Na hora de partir
Fingimos fidalguia
Pro ermo mesmo ir
Pudesse não partia
Ai dói deixar um pai
Mas vou
Deixar um pai e avô
Meu professor, meu protetor
Na hora de partir
Jurar que voltaria
Se essa hora vir
Se acaso esse dia
Na hora de partir
Adiar
E a dor se demorar
A viver entre nós no lar
Que já foi tão feliz
Na hora de ficar



Saber que não demora
As coisas arrumar
No impulso de ir embora
Ai dói partir, deixar assim
Uma parte de mim
Mas eu vou sim, até o fim
Na hora de ficar
A alma pede, implora
Sabendo que não dá
Mas assim mesmo chora
Na hora de ficar
Sair
De si e levitar
Já vendo que é noutro lugar
O agora que sua sina quis

27. Palavras da fé

Acredito que um dia
Se fará justiça
Que somos um povo
E não gente sem alma
Acredito que o povo
Também deve crer nisso
E tem de fazer
Algo acontecer
Mesmo não sabendo
Exatamente o que vai ser
De mim e você
Sinto que o fogo
Que há na gente
Há de arder
Pra iluminar o nosso viver
Fogo das ideias
Fogo do amor
Fogo a iluminar o oprimido
E a queimar o opressor
Pois tudo por nós é produzido
Não queremos mais senhor



Acredito que agora
Libertar cabeças
É um bom começo
Pra ver a verdade
Acredito que o povo
Crendo em liberdade
Cria a irmandade
Sem nada temer
Acredito que o sonho
É a realidade
Da fraternidade
Que há de haver

28. Livre-arbítrio

Acreditar, acreditar na divindade
na responsabilidade
De cada um de nós
Estamos sós pra decidir
É o livre-arbítrio
O mundo é o nosso sítio
E a ignorância o nosso algoz
Conhecer pra escolher e decidir
Pois se estamos aqui
É pra melhorar o mundo
Plantar cada vez mais fundo
A pura semente do existir
Os problemas da humanidade são meus
É injusto querer que Deus
Resolva por nós e por mim
Lutar contra a opressão e a injustiça
Com a alma, com a vida
Esse é o nosso compromisso
O omissor exerce assim a traição





**Verónica
Fernandes**



**Luan
Costa**



**Giuliano
Eriston**



Anderson Aragón
Diretor assistente



Ynaê Lopes
Consultoria



Valéria Monã
Direção de
movimento e
preparação corporal



Marah Silva
Figurista



Natália Lana
Cenógrafa



Renato Machado
Iluminador



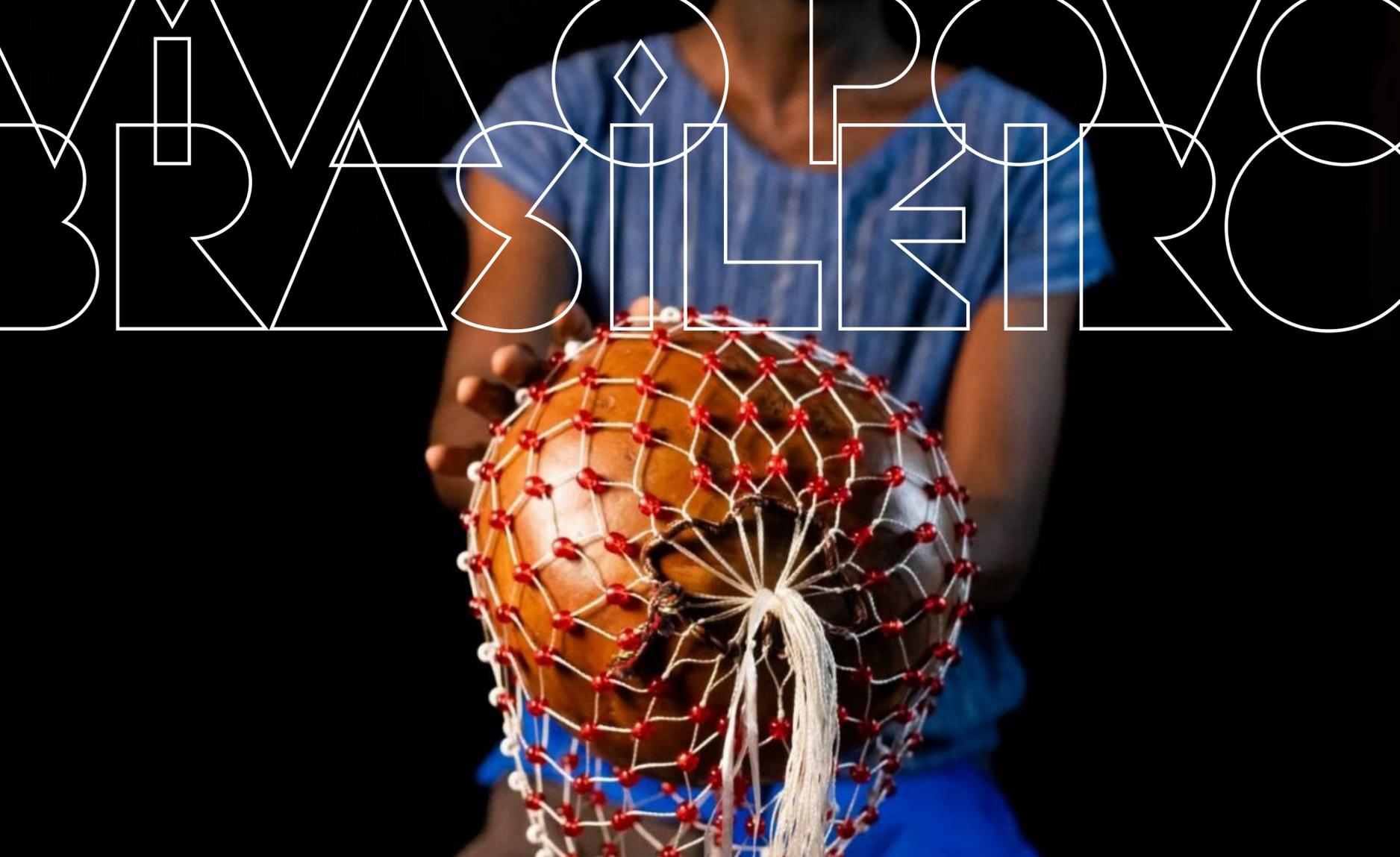
Gabriel D'Angelo
Desenho de som



Aline Falcão
Assistente de
direção musical



Rafael Lydio
Coordenador de
produção



Ficha técnica

DA OBRA DE

João Ubaldo Ribeiro

COM

Alexandre Dantas, Guilherme Borges, Hugo Germano, Izak Dahora, Jackson Costa, Ju Colombo, Júlia Tizumba, Luciane Dom, Maurício Tizumba e Sara Hana.

MÚSICOS

Giuliano Eriston, Luan Costa e Verónica Fernandes

ELENCO DE APOIO

Felipe Rangel, Daniel Neves, Níco Daniel Marreco, Gabriela Kohatsu, Júlia Águia e Gabriela Januário

DIREÇÃO E DRAMATURGIA

André Paes Leme

MÚSICAS ORIGINAIS

Chico César

DIREÇÃO MUSICAL E TRILHA ORIGINAL

João Milet Meirelles

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO E PRODUÇÃO ARTÍSTICA

Andréa Alves

DIRETORA DE PROJETOS

Leila Maria Moreno

DIRETOR ASSISTENTE

Anderson Aragón

DIREÇÃO DE MOVIMENTO E PREPARAÇÃO CORPORAL

Valéria Monã

CONSULTORIA

Ynaê Lopes

SOM

DESENHO DE SOM
Gabriel D'Angelo

DESENHO DE SOM ASSOCIADO
Joyce Santiago e
Jorginho Baptista

MIXADOR
Jorginho Baptista

ILUMINAÇÃO

ILUMINADOR
Renato Machado

ILUMINADOR ASSISTENTE
Maurício Fuziyama

CENOGRAFIA

CENÓGRAFA
Natália Lana

CENÓGRAFA ASSISTENTE
Tuca Mariana

CENOTÉCNICO
André Salles

COSTUREIRA DE CENÁRIO
Débora Valle

PINTOR DE ARTE
Wellington Carmo

MACRAMÊ
Katia Barreto

ADERECISTA
Marcela Anjos

**ASSISTENTES DE CENOTÉCNICO
(A. SALLES CENOGRRAFIA)**
Tayane Valle

EQUIPE A. SALLES CENOGRRAFIA
Wellington Carmo, Walmir
Jr, Marcinho Domingues,
Paulo Sá, Ronaldo

Ferrinha, Leandro Brander,
Thamirez Vale, Gilmar
Kalkman Bruno Salles e
Kadu Lobato.

FIGURINO

FIGURINISTA
Marah Silva

PRODUÇÃO DE FIGURINO
Drika Freitas

ASSISTENTES DE FIGURINOS
Jack Costa e
Marceli Araújo

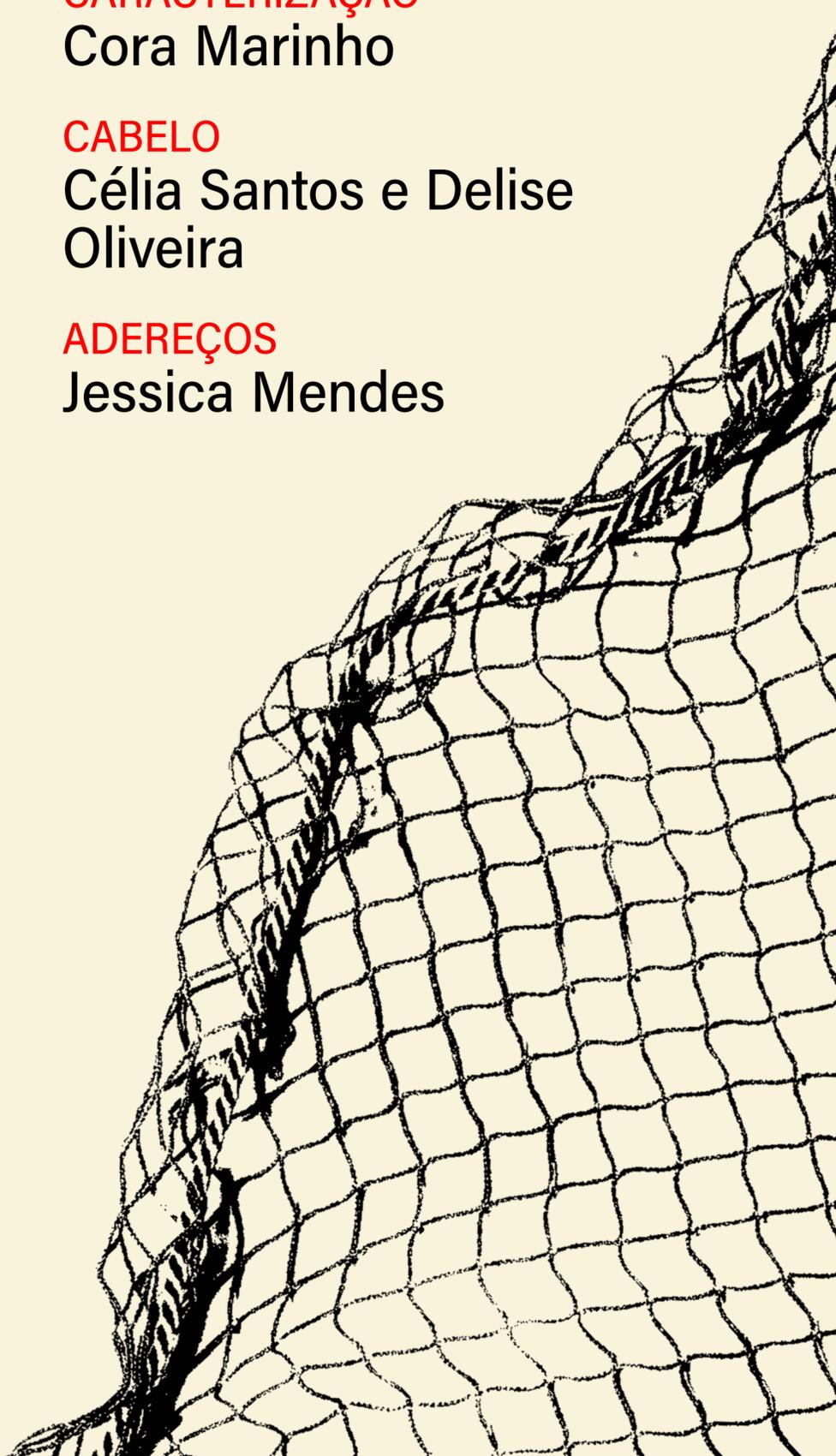
COSTUREIRA
Jack Costa

VISAGISMO

CARACTERIZAÇÃO
Cora Marinho

CABELO
Célia Santos e Delise
Oliveira

ADEREÇOS
Jessica Mendes



MÚSICA

ASSISTENTES DE DIREÇÃO MUSICAL

Aline Falcão e
Giuliano Eriston

PREPARAÇÃO E ARRANJOS VOCAIS

Guilherme Borges

ARRANJOS

João Milet Meirelles

OS ARRANJOS FORAM
CONSTRUÍDOS EM PROCESSO,
COM A COLABORAÇÃO DE
Aline Falcão, Giuliano
Eriston, Guilherme Borges,
Verónica Fernandes, Luan
Costa e elenco.

PRODUÇÃO

COORDENADOR DE PRODUÇÃO

Rafael Lydio

PRODUTORA EXECUTIVA

Lua Carvas

PRODUTORA ASSISTENTE

Rafaela Santos

EQUIPE TÉCNICA

CAMAREIRA

Marceli Araújo

DIRETOR DE PALCO

Kadu Carvalho

OPERADOR DE LUZ

Alexandre Farias

OPERADOR DE SOM

Jorginho Baptista

MICROFONISTAS

Marcus Frech e
Michael de Alexandria

IMAGENS

FOTOGRAFIAS

Annelize Tozetto

CINEMATOGRAFIA

Chamon Audiovisual

DIREÇÃO DE CINEMATOGRAFIA

Eduardo Chamon

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA

Guga Dannemann

ASSISTENTE DE CÂMERA

Giovanna Antiório

COMUNICAÇÃO

DESIGN GRÁFICO

Beto Martins

ASSESSORIA DE IMPRENSA

Barata Comunicação e
Dobbs Scarpa

GESTÃO DE MÍDIA - AGENDA CULTURAL

Thatiana De Puglia

CAPTAÇÃO DE PARCERIAS

Oh Gloria Produções -
Gloria Dinniz

COLABORADORES

Calena e Bruno Paiva

JURÍDICO E CONTABILIDADE

ASSESSORIA JURÍDICA

Marisa Gandelman

CONTABILIDADE

M Tavares Consultoria
Contábil

EQUIPE SARAU CULTURA BRASILEIRA

DIRETORA DE CRIAÇÃO
Andréa Alves

DIRETORA DE PROJETOS
Leila Maria Moreno

COORDENADOR DE PRODUÇÃO
Rafael Lydio

**COORDENADORA FINANCEIRA E
DE LEIS DE INCENTIVO**
Carolina Villas Boas

**COORDENADOR DE
PLANEJAMENTO E MARKETING**
Renato Stoiano

PRODUTORA ADMINISTRATIVA
Christina Carvalho

PRODUTORA FINANCEIRA
Maria Rita Miranda

**PRODUTORA DE LEIS DE
INCENTIVO**
Clara Taranto

PRODUTORA DE PLANEJAMENTO
Bruna Brito

PRODUTORA DE COMUNICAÇÃO
Nathália Alves

ASSISTENTE DE COMUNICAÇÃO
Daniel Cotrim

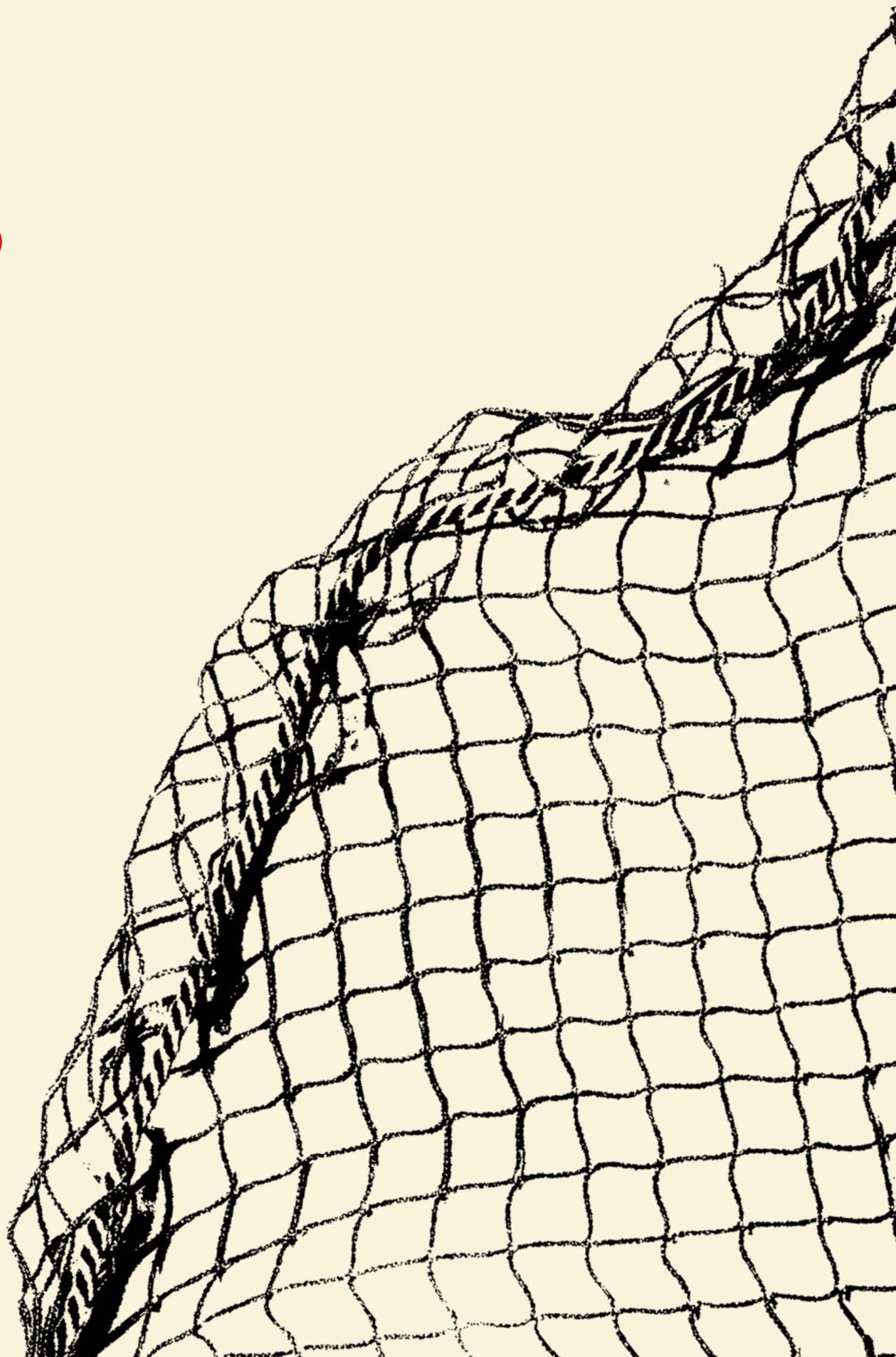
ESTRATÉGIA DIGITAL
Vitor Maria

AGRADECIMENTOS

220 Decibéis, Akanni
Wanda da Baixada, Ayinde
Bakari, Carla Guapiaçú,
Daisaku Ikeda (Ikeda
Sensei), Danúzia Montes,
José Carlos Montes, Márcio
Januário, Maria Germano,
Maria Helena Serôdio, Nina
Wirtti, Patrícia Germano,
Patrícia Paes Leme,
Rogério da Silva Pedro,
Rosângela Germano,
Susana Selles, Vânia
Massari e Companhia das
Letras

AGRADECIMENTO ESPECIAL

**Francisca Ribeiro, em
nome da família de
João Ubaldo Ribeiro e
Valéria dos Santos.**
José Renato Baptista e
Rebeca Jamir





Apoio



Parmê



ASPA

KISS
NEW YORK

PAYOT



HAK
SOLUÇÕES TÊXTEIS

RENAUXVIEW
Tecidos para Criar



Floresnet
.com.br

wemobi



incentiv

*Ministério da Cultura e
Nubank apresentam o musical*

DA OBRA DE **JOÃO UBALDO RIBEIRO**

**VIVA O POVO
BRASILEIRO**
◆ **DE NAÊ À DAFÉ** ◆

TEATRO
RIACHUELO
RIO

25 AGO A 01 OUT 2023
QUI A SÁB **20H** / DOM **18H**

[@musicalvivaopovo](#)
[@sarauagencia](#)



Patrocinador
Master

nu

Produção

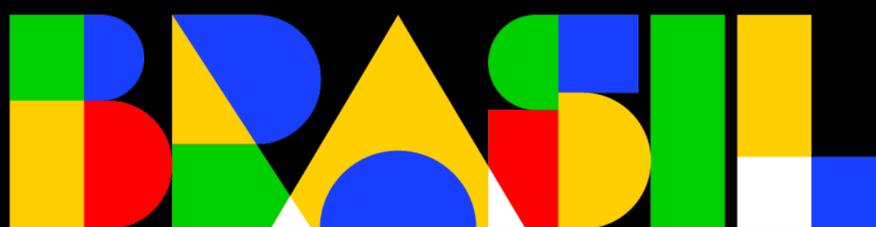


Realização

ÁGAPA
CRIAÇÃO E PRODUÇÃO CULTURAL

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL



UNIÃO E RECONSTRUÇÃO